

Taubaté, 24,1,1905

Rangel:

Recebi tua ultima a caminho da estação, e li-a entre Cachoeira e Guaratinguetá, com olhadelas para o tortuoso Paraíba que acompanha a Central. E como tinha diante de mim a Natureza, gostei das tuas referencias á paisagem dessa Caldas. Porque, meu velho Rangel, não perdi ainda esse nosso mau costume de analisar tudo quanto tem a desdita de nos cair sob os olhos; e dentro daquele pó federal me pus a analisar tua carta, teu estilo, tua maneira de dizer, as qualidades que abotoam, etc. E notei um desembaraço maior, mais topete, mais desgarre da pena outrora tão encolhidinha.

Os teus ataques á Natureza me fizeram sorrir com saudades daquele Rangel tão timido, tão moça, que só quando a coisa era demais arriscava uns atomos de ironia mansa ou de discreta revoltazinha. Já agora rompes contra a Natureza como Norma Absoluta, e criticas até o exagerado azul do céu. Otimo! Só resta que não abuses como os que se metem a si mesmos como a Norma Absoluta.

Lembro-me de que ha anos tambem andei brigado com certas mediocridades da Natureza. Eu ia para a fazenda a cavalo, e atravessava um trecho de capoeira onde tudo era chinfrim, desde os aromas da “balsamina em flor” até o relevo do solo. Eu olhava e nada via ali das decantadas excelencias de Mãe Natura. E ia marchando, aborrecido com tamanha chateza, coisa inadmissivel na Norma de Tudo. Logo adiante a topografia mudou e vi-me em zona montanhosa_ a Mantiqueira_ em trecho onde a estrada em ziguezague corta a floresta virgem. Senti então a tal coisa alegre e radiante da saude moral em pletora_ e num relampago apreendi tudo. É que a Natureza copia o homem; desdobra-se numa gama inteira. Tem os seus pedaços shakespeareanos para equilibrio dos seus pedaços acacianos. O trecho visto um quilometro atrás era o Conselheiro Acacio-paisagem. Aquele ali era no minimo Ibsen no *Peer Gynt*. O teu mal, Rangel, é que moras num pedaço de natureza *Helena* de Machado de Assis.

Perguntas da minha vida. Completa. Euforica. Tres amores, cada um dum tipo. Leio. Estudo. Trabalho. Engordo. Digiro admiravelmente e até tiro sortes de loteria (ontem, 500\$000). Feliz como um leitão em dia de abobora. E estou transformado na “ultima palavra” da critica local, depois duns artigos sobre os trabalhos da minha namorada numero 2_ a de função estetica. O povo olha-me com uma especie de terror sagrado, tantas foram as coisas bonitas que, em estilo de atelier de Paris, eu disse na analise dos quadros de Georgina_ chama-se Georgina. O meio de sermos admirados pelo povo é não sermos entendidos. Outros artistas da terra, geniosinhos municipais, procuram-me; querem tambem que eu diga deles coisas incompreensíveis. E o diretor do jornal fez-me a honra de declarar que sou a

“única autoridade crítica da terra”. Quer dizer que também não me entende.

Ontem houve concerto no teatro e uma comissão veio implorar que do alto da minha Competência eu derramasse a potassa da Crítica sobre as gorduras do Desempenho. Desfiz-me em frases feitas desmerecedoras do meu Mérito e por fim prometi. E acabo de encher cinco tiras com quanto argot musical assimilei em S. Paulo nas críticas do Camarate e do Barjona. Falei em vocalização, registro de voz, eúritmia, tonalidades cromáticas e outras pilherias do caso. Saiu-me coisa tão boa que, relendo-a, eu mesmo não entendi nada. Imagine o sucesso que vai ser!

LOBATO